

Veículo: FOLHA DE LONDRINA/ FOLHA RURAL	Editoria: Folha Rural	Página: 4-5-6	Data: 27 e 28 de janeiro de 2018
Tipo: INTERNET	Assunto: O avesso da história		
Unidade citada jornal: Gabriel Bartholo, chefe da Embrapa Café			



Victor Lopes
Reportagem Local

Início de ano, pés com grãos verdes, carregados, e os olhares do agrônomo já estão atentos à cafeicultura nacional e o seu potencial produtivo para 2018. Expectativas discrepantes quando se analisa os números do Brasil como um todo e o Estado do Paraná, que começa a colheita a partir de abril. A média nacional – por se tratar de safra de bienalidade positiva – projeta uma produtividade estimada em 28,4 a 30,5 sacas por hectare, desempenho que representa um novo recorde histórico das lavouras, de acordo com dados do 1º Levantamento da Safra de Café de 2018, da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), divulgado este mês.

No total, a primeira previsão tem estimativa entre 54,4 e 58,5 milhões de sacas beneficiadas, crescimento entre 21,1% e 30,1%. A área total atinge 2,2 milhões de hectares, sendo que 1,91 milhão de hectares está em produção. “Esta estimativa é feita ao longo do florescimento cafeeiro. Em alguns locais do Brasil, devido a temperaturas elevadas, houve uma perda de fertilização da flor. Mas logo em seguida a temperatura caiu bastante, portanto essa perda é relativa e pontual, de 5% a 10% em algumas regiões. Com esse volume (projetado), cumprimos tanto nossos compromissos externos como consumo interno”, explica o chefe geral da Embrapa Café, Gabriel Bartholo, em entrevista à FOLHA.

No Paraná, entretanto, o cenário está, digamos, do avesso. Enquanto o País vive a safra de bienalidade positiva, no Estado é ano de baixa, isso porque houve uma inversão produtiva a partir de 2013, após uma geada que castigou as lavouras. Portanto, de acordo com o levantamento do Departamento de Economia Rural (Deral), realizado pelo economista Paulo

Sérgio Franzini, a redução da área cultivada gira em torno de 10,8%, de 46,1 mil hectares em 2017 para atuais 41,1 mil hectares.

Com isso, o relatório prevê inicialmente uma produção entre 904 mil e 1,02 milhão de sacas, retração de 15,7% a 25,3% em comparação a quantidade de 1,21 milhão obtida em 2017. “A redução gradativa dos preços recebidos durante os últimos doze meses, muitas vezes não cobrindo os custos de produção, aliada à necessidade de adotar melhor tecnologia de produção com maior grau de mecanização com renovação das lavouras, tem levado muitos produtores a diminuir a área cultivada com objetivo de melhorar a eficiência e obter maior renda”, aponta Franzini.

Gabriel Bartholo, chefe da Embrapa Café, complementa que uma das preocupações para a cafeicultura nacional, inclusive no Paraná, está nas áreas montanhosas, que correspondem a 20% da produção nacional, feita em essência por pequenos produtores. “Não foi estabelecida uma política de renovação parcial desse parque cafeeiro, instalado há 30, 40 anos. Muitos têm espaçamentos inadequados para mecanização e usam cultivares ultrapassadas. Dessa forma, o produtor fica avesso a fazer investimentos.”

Mesmo com essas dificuldades, Bartholo acredita que o Brasil tem evoluído bastante. Ele cita, por exemplo, a cultivar IPR 103, desenvolvida pelo Instituto Agrônomo do Paraná (Iapar), que vem se destacando em diversas regiões. “Em testes em São Paulo, Minas Gerais e no Paraná ela foi muito bem. Apesar de uma tolerância média à ferrugem, bem manejada e nutrida, ela produz um café de excelente qualidade. Vale dizer que já estamos chegando num ponto que até os grandes produtores estão produzindo cafés especiais.”



Ano de baixa

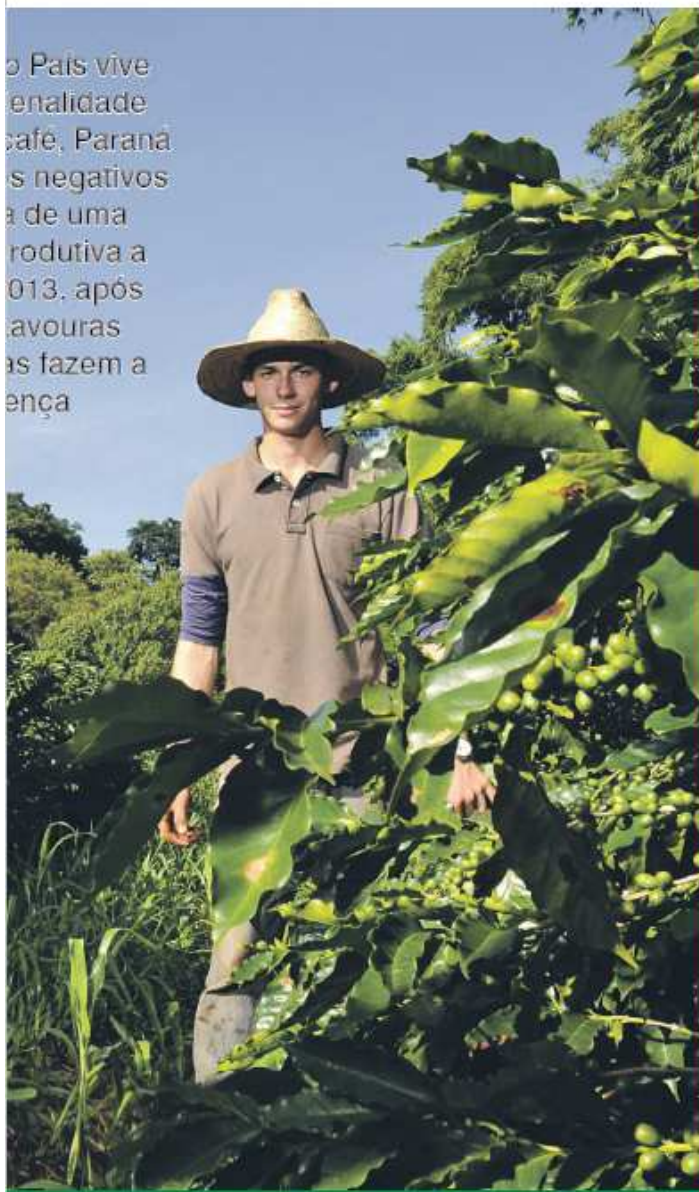
Enquanto a safra de bienalidade positiva de 2018 tem números positivos por conta da inversão produtiva a partir de 2013, a geada de 2013 afetou a produtividade nacional e diferenciou o cenário no Paraná.

O produtor Orlando Bramê e o filho Mathieus, 19 anos, propriedade familiar de 12,1 hectares em Califórnia se tornou referência na região.



Produtores que investem em tecnologia podem obter bons resultados no Paraná, onde a redução da área cultivada chega a 10,8% de 2017 para cá.

o País vive
 enalidade
 café, Paraná
 s negativos
 a de uma
 produtiva a
 013, após
 avouras
 as fazem a
 ença



“Muitos têm espaçamentos inadequados para mecanização e usam cultivares ultrapassadas. Dessa forma, o produtor fica avesso a fazer investimentos”

Com paixão e tecnologia, produção está garantida

A aproximadamente 75 quilômetros de Londrina, a propriedade da família Bramé é uma ilha de café produzido com excelência em meio ao mar de soja que domina a região. Na cidade de Califórnia, não tem tempo ruim para o produtor Orlando Bramé, 64 anos, esposa e filhos, que são a prova viva que a atividade ainda pode ser rentável e trazer uma vida de qualidade para pequenos produtores, mesmo em meio a tantos desafios da cultura.

Não é preciso mais de dez minutos de bate-papo com o ativo senhor – que sempre viveu do café – para entender porque a propriedade de 12,1 hectares se tornou referência para outros produtores da região. Ele recebe a reportagem da FOLHA na betra da BR-376 e dali mesmo já é possível ver os grãos bonitos, verdes, graúdos, no cafezal. Mesmo na safra de baixa produtividade, a expectativa do produtor é colher 30 sacas por hectare, acima da produtividade média do Estado no ano passado, que fechou em 28 sacas por hectare, isso no ciclo de alta produtividade. Em 2017, a média do cafeicultor ultrapassou a casa das 40 sacas por hectare.

Além da paixão do produtor pelo que faz, o segredo da propriedade está na constante atualização das tecnologias na área, desde a escolha das variedades, passando pelo manejo até a mecanização da colheita. O que chama a atenção primeiramente é o consórcio café com braquiária, adubo verde que ajuda na matéria orgânica, fixação do nitrogênio e até no combate aos nematoides. “A tecnologia mudou muito, hoje temos essa associação com a grama e um café muito bem nutrido. No dia a dia, temos que ficar em cima dele, desbrotando, carpindo, passando a roçadeira. Quando o café ‘pede’ o adubo ou o veneno para controlar as pragas, tem que fazer.”

Na atual safra, o cafeicultor já aplicou quatro caldas com fungicida e inseticida, sempre atento às doenças como ferrugem, praga mineira e os

nematoides. O custo de produção deve fechar em torno de R\$ 250 a R\$ 280 por saca, já somada a mão de obra da família. “Ano passado comercializei a saca (beneficiada) a R\$ 450. Mas me lembro que em 2008 cheguei a vender por R\$ 490. Naquela época o adubo estava em R\$ 600 a tonelada e hoje está em R\$ 1,3 mil”, compara.

E se um dos caminhos que mais assustam os cafeicultores do Paraná é a mecanização das lavouras, que exige diversas mudanças de manejo – a exemplo do espaçamento das plantas –, o produtor não titubeou em investir: trator e duas máquinas ficaram em quase R\$ 200 mil. “Valeu a pena, sem isso não tem jeito de trabalhar”. Agora, o próximo passo será aumentar a estrutura para o beneficiamento do grão. “Nosso manejo está bem correto, acertado. Mas se a produção vai aumentar, preciso de estrutura para acompanhar, local para secar e para armazenar.”

SUCCESSÃO GARANTIDA

O senhor Orlando não trabalha sozinho na propriedade, aliás, a família é um alicerce pensando no futuro da atividade. A esposa auxilia no trabalho, principalmente do terreno, além dos três filhos (um deles mora na cidade e participa na colheita) e a nora.

Matheus Bramé tem 19 anos e passou a auxiliar o pai e os irmãos após ter feito curso de técnico agropecuário. Recebeu propostas para trabalhar em outras propriedades de café, inclusive em Minas Gerais, mas preferiu retornar para o negócio da família. “Pretendo morar aqui no sítio. Tenho uma boa qualidade de vida e ganho mais do que nos convites que recebi. Acredito que seja mais fácil conquistar minhas coisas aqui do que em outro lugar. A produção só tende a aumentar e com a tecnologia tudo está mais fácil.”

Veja vídeo usando aplicativo capaz de ler QR Code e posicionando no código abaixo



Victor Lopes
Reportagem Local

Sexto maior produtor de café do País - fechando com produção de 1,21 milhão de sacas ano passado e 2,7% do volume nacional -, o Paraná ainda tem muito o que evoluir em relação ao manejo e produtividade da cultura. Em busca de um planejamento sólido para que isso aconteça no próximo biênio, o Instituto Emater trabalha, desde meados do ano passado, em parceria com a Agência Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (Anater) no "Projeto Piloto do Café", que irá possibilitar o atendimento de 1 mil famílias de cafeicultores em 33 municípios do Estado até 2020.

Nesta semana, boa parte dos técnicos responsáveis estiveram reunidos em Londrina para discutir as próximas ações do trabalho, que já começa a ganhar forma. O recurso investido pela Anater é de R\$ 6,23 milhões apenas no Paraná. No Brasil, ultrapassa R\$ 50 milhões. Vale dizer ainda que a Agência foi instituída pelo decreto 8.252 de 2014 e se trata de pessoa jurídica de direito privado sem fins lucrativos, de interesse coletivo e utilidade pública.

O coordenador do projeto e engenheiro agrônomo da Emater, Clélio Abel Demoner, explica que os grandes objetivos estão ligados ao incremento de produtividade dos cafeicultores, redução dos custos de produção, sustentabilidade das lavouras e comercialização do produto. "Queremos saltar a produtividade de 26 sacas por hectare para 40 sacas por hectare até 2020 (algo em torno de 53%) nestas propriedades atendidas", projeta Demoner.

Para atingir esse montante, digamos, audacioso, a metodologia de trabalho inclui inúmeras ações que serão realizadas pelos técnicos distribuídos pelo Estado. Entre algumas delas que já es-

tão programadas para este ano estão capacitações técnicas, intercâmbios, encontros estaduais e regionais, reuniões, dias de campo, formação de grupos de mulheres, entre outras. "Ao longo dos últimos quatro anos, em chamadas públicas com outras instituições como o extinto MDA e Embrapa Café, já tivemos algumas áreas com excelentes resultados, desenvolvendo nichos de cafeicultores com altas produtividades."

Um dos gargalos, segundo

Demoner, continua sendo o preparo dos cafeicultores para a mecanização, com estratégias que fazem toda a diferença para a evolução da atividade. "A mecanização ajuda a reduzir os custos de produção e gera uma melhor produtividade, porque o pro-

ductor já planta com tecnologia". Segundo ele, atualmente 15% dos produtores atendidos pela Emater já estão com áreas preparadas para a mecanização, algo que há quatro anos era nulo. "É um trabalho que precisa ser feito por etapa. A evolução passa

pelo espaçamento (na lavoura), utilização de (novas) variedades, preparo de solo, boas práticas agrícolas..."

Por fim, Demoner cita que a Emater também fechou uma parceria com a P&A, empresa que coordena no Brasil uma Plataforma Global do Café que vislumbra a sustentabilidade da cultura, associada a melhor renda, diminuição de custos, fortalecimento de parcerias e alinhamento de iniciativas que aconteçam de forma isolada.

Planejamento sólido

Em Projeto Piloto do Café, Emater vislumbra incremento de produtividade até 2020

Roberto Custódio



Nesta semana, reunião técnica em Londrina discutiu ações do trabalho: um dos gargalos é o preparo para a mecanização

“Queremos saltar a produtividade de 26 sacas por hectare para 40 sacas por hectare até 2020”